

4 poemas de **Alexandre Bacelar Marques**

A CANÇÃO DE MARIANA

Havia um grande jantar
ficou um grama de sal
no claro da porcelana:
A ternura que ela dá
mas não entrega, Mariana.

O amor, ela não dará
se não dermos o pescoço.
Não há trecho de seu corpo
que ela doe de coração
às baratas que estão
a sair por este ralo.
a estas não sobra nada.

Ao homem cotidiano
que, sem rosas, na cozinha
noturna, dá quatro socos
por coisa alguma na esposa
a este também não sobrar
nada, nem uma carícia.

Neste ponto estacionamos
nossas vidas. Lamberemos
tigelas esvaziadas,
pediremos sempre mais
mas é aqui que ficaremos.

Lembrarei quando almoçávamos
no restaurante da esquina
descrentes da deusa triste,
Mariana, que não tem
uma migalha do afeto
daqueles que ela despreza.

NÃO REZARÁS PARA TERES UMA EREÇÃO

1

Iluda os porcos com teu Verbo! Eu não mereço
A boa conversa sobre a graça da fraqueza
Não é que tua resposta eu desmereça
Mas prefiro o capricho às condolências
Prefiro que me trates como Jó. Eu não mereço
Encontrar Tua razão na minha razão
E ver na Tua razão – meu presente – a Tua pena.
Agradeço que arquitetetes minha alma
Como a água arquiteta a alma do peixe
Perdoa a natureza desta prece
Talvez da voz de Deus não se exigisse
Capricho em vez do amor, desprezo em vez de calma
Se menor fosse a comédia e a macaquice
Se ao menos sangue houvesse no calvário

De aço frio onde o desespero é morno.

Eu morro nesse corpo: vou de um Deus
Cachorro por amar quem não merece
Fará teu perdão que meu pau não se arreneque?

2

Se tu não ris, então não sei como recebes
Em troca do dispêndio podre que fizeste
A mim, por via de mim mesmo, minha peste
Meu escárnio, minha lepra. Neste quarto, saiba
Não há lugar para as frescuras da tua Graça.
Que eu as recuso quanto mais elas me caíam.
Jamais, eu sei, Deus nos refresca na medida
Que a chuva de janeiro salva, em Teresina,
Até os répteis já cansados da canícula
A vara do teu nome acode é na maneira
Incestuosa de uma planta trepadeira
Abandonada, se trepando por si mesma.
Quero o querer que em mim o Satanás
Lesou por conta de me deres mais e mais
Do mal que eu sempre peço – e sempre tu me dás.
Diabo de paz. Quisera agora ouvir um ai
Ao menos, não o paraíso de silêncios
E de consolos misturados a escarmentos
Que a voz de Deus que eu acho em mim dá provimento.
É como ouvir, depois de um jogo zero-a-zero,

O juiz que o empate festejasse
Gozosamente como prova de sua graça.

Na cama, ao meu dispor, esta boceta líquida
Condescendente ressecando, como guelra
Aberta respirando nada na cozinha
Da minha mãe, no meio da manhã. Cozinha
Da minha mãe, não de Deus.

VIGÍLIA DE NATAL

De noite, és a primeira que aparece.
Amei-te sempre mas jamais
te percebi como importante.
Não vi que te esquecer, estrela fácil,
seria o exercício diuturno,
não, decerto, desagradável,
com que distraio as horas do meu tédio.

Jamais te envergonhaste.
No mês dos temporais eu pressentia
a escuridão por trás da máscara
desluzida da abóbada. Uma estrela
esbranquiçada e persistente,
não mais que mera forma
a aparecer e desaparecer
como os crustáceos sem espírito
que o mar vomita e engole eternamente.

Desgraça, para os fracos, é oportunidade.
No mês da enchente, quando
havia lama nas panelas, nas gavetas
nos papéis já de si meio amarelos,
no espaço do cachorro atrás da casa
lixo, comida, bicicletas
perdiam a castidade natural
que a longa permanência num lugar
confere às coisas desusadas
eu me deitava entre biombos de lençóis,
na quadra de vôlei, sob o zinco
e me guardava da umidade como
um resto de comida podre guarda
a madureza, em folhas rotas de alumínio
Estrela minha,

De noite, tens o dom de não brilhar
Eu não sabia
buscar socorro nesta inútil claridade
que oferecias, oferecias,
como lanterna que só acende à luz do dia.

Agora, que é setembro, a tarde é seca,
e reiteradamente pernilongos
vêm aqui me visitar com seu auxílio
e as galinhas bebem água no pneu.
Lugar não há mais fresco, em dez quilômetros,
que esta manilha de leite enlodoado
seu volume de líquido leitoso
colheu da madrugada
especiarias de um país distante:
a cota de friagem, o sabão
de coco e seu arco-íris; os cajus
ao lado e os que de noite despencaram
dentro d' água, num baque surdo.

És como um bago que não vingará
um organismo sem pertencimento
o astro mais sem sorte do universo
teu ensino se resume
à enorme paciência.
Não és visível a não ser racionalmente
nos armazéns desalugados da memória.

Oh permiti, fluir do tempo, que eu aprenda,
a arte de enxergar de longe os mesmos sítios
por que andei, mas sem qualquer abominação.

Eu não sabia, mas
Até no mês das chuvas meu caminho
já estava iluminado, não por nada
como uma lâmpada porém
por estas manchas verde e rosa
que entontecem os ofuscados.
Iluminado como o sol no zênite
mais nítido aparece
nos óculos escuros.

Agora sim, sei que estás aí, presença
desarvorada de uma estrela, no céu limpo.
Pois sei que é teu destino
ficar aonde esteves todo o tempo.
Nos céus, como os pardais

Nas poças, como a dengue.

ROMANCE DO BANHO DE TERESA

Será possível. Quem diria?
Teresa disse calmamente:
“primeiro, vai você na frente.”
e pulou dentro da piscina.
Vitinho riu mordendo a unha
Pensava em que, ali parado?
Corou um pouco e foi, de sunga,
ao chuveiro do vestiário.
“Aposta é aposta, não é mesmo?”
Achou Teresa este clichê
apropriado de dizer
entre as fileiras de chuveiros.
Sua voz metálica ecoou
no verde-claro do azulejo
como no dia do suicídio
anos depois, do Dr. Vítor.
“Não esqueça que você não pode
nem pensar em tocar em mim.”
Disse, desamarrando os nós
da parte de baixo do biquíni
Depois ninguém disse palavra
ficaram ambos em silêncio.
Ele seco – ela sob a água.
Teresa teve a displicência
de dar as costas ao amigo
e ensaboar por entre as nádegas.
O combinado era que ele
podia ver, mas não tocá-la.
Anos depois o velho Vítor
o revólver na mão direita
num quarto de hotel vazio
reviu o banho de Teresa.
E foi presa da solidão
dos que são homens, pais, maridos
e lamentou de coração
A vida após aquele dia.
Depois dali tudo foi pobre
ruim, mesquinho, sem apelo
“Devia ter pego este revólver,
pensou, três décadas mais cedo”.

Querem saber qual a desgraça
de Vitinho, afinal de contas?
Foi nada, meus senhores. Nada
porque morra quem tenha vergonha.
Ele cumpriu sua promessa
e não tocou no corpo liso.
Teresa viu cavalheirismo
no que era simples impotência.
Namoraram quatorze meses.
Terminaram num revéillon
Depois provaram outras vezes
do mel aguado que é o amor.
Ninguém se arrependeu jamais
Fizeram faculdade juntos
e cada um seguiu seu rumo.
Sei que chegaram a trepar
ainda algumas vezes quando
quiseram um orgasmo sem
passar os usuais incômodos.
Senhores, me ouçam muito bem:
Rezemos pela alma deste homem
Choremos por seu triste fim
de afeminado que não soube
levar a vida sem sublime.
Não há lembrança que não possa,
a firmeza de nossa força,
amolecer com o cautério
de uma qualquer Teresa nua.
Rezemos pela alma deste homem.
O corpo, porém, o abandonem
por aí – não no cemitério.
Bom apetite aos urubus.